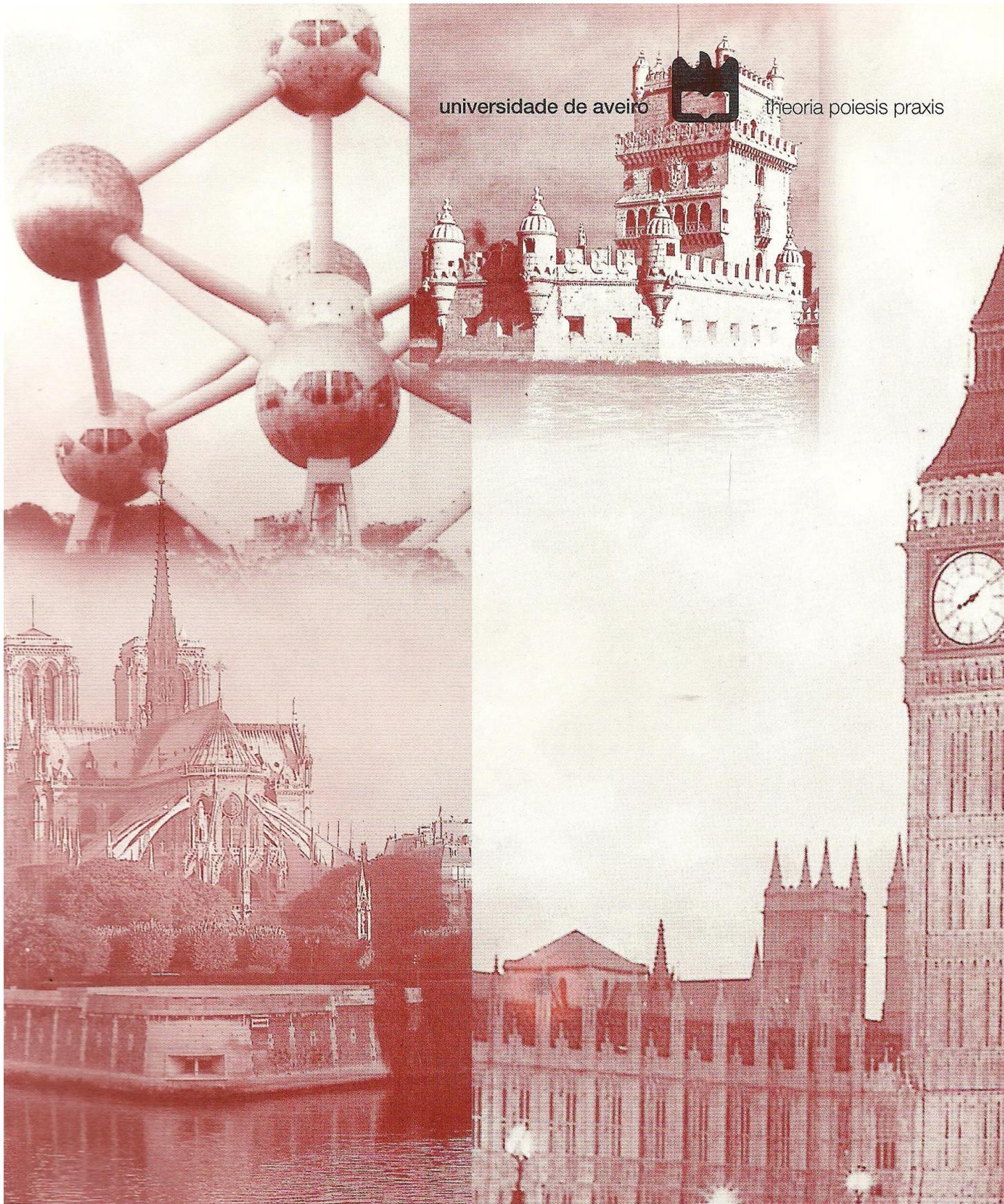


universidade de aveiro



theoria poiesis praxis



Portugal e o *Outro*: Imagens e Viagens

Centro de Línguas e Culturas

VICTOR HUGO – O PROFETA DOS ESTADOS UNIDOS DA EUROPA

MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO*

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

«Je voudrais signer ma vie par un grand acte, et mourir. Ainsi, la fondation des États-Unis d'Europe»¹ – palavras lapidares de Victor Hugo.

Que Europa para este Poeta? No pensamento hugoliano, a Europa não tem apenas um sentido político. Ou seja, a ideia de Europa resulta, a seu ver, da simbiose da sua experiência, da sua cultura, dos seus projectos para o futuro. Passemos os olhos pelos seus textos de viagem. Assim, por exemplo, em *Le Rhin*, publicado em 1842, o leitor apercebe-se já da emergência de uma ideia de Europa definida no tempo e no espaço. De facto, as viagens de Hugo permitiram-lhe o conhecimento de uma Europa geográfica – Suíça, Alemanha Ocidental, Bélgica, Holanda, França, Grã-Bretanha, Norte de Espanha e de Itália. Uma atenção particular aos seus escritos permite-nos captar, desde logo, que a Europa de Hugo é, antes de mais, uma Europa gótica – uma Europa unida pela arte – o gótico europeu. No seu périplo, como viajante atento, ele tem a percepção visual clara e a concretude objectiva da unidade, mas também da diversidade – diversidade das nações, diversidade das regiões. Em tal horizonte, ele visualiza notoriamente as diferenças dos góticos, mais do que as diferenças das paisagens ou dos costumes, diferenças dessa Europa que Hugo apreende explicitamente nas ruínas de uma civilização comum.

Por outro lado, deve acentuar-se que a paisagem histórica de Hugo era então, por excelência, o Reno, o rio simultaneamente separador e unificador qual «arbre gigante qui dessine le coeur de l'histoire européenne, de ses

* Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Vice-Coordenadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do século XX da Universidade de Coimbra (CEIS20).

¹ Note de 1876-1878, *Océan-Moi prose*, manuscrit 13420, f.º 213, in «Océan», OC, Paris, Laffont, p. 294. Cf. Nicole Savy, «L'Europe de Victor Hugo: du gothique au géopolitique», in *L'Europe, naissance d'une utopie? Genèse de l'idée d'Europe du XVI^e au XIX^e siècles*, coord. par Michèle Madonna Desbazeille, Paris, L'Harmattan, 1996, p. 173.

empires, de ses nations et de son union à venir»². Não é difícil detectar no seu pensamento a ideia de região, de uma região europeia. A ser assim, como o próprio autor refere, o Reno é um «noble fleuve, féodal, républicain, impérial, digne à la fois d'être français et allemand. Il y a toute l'histoire de l'Europe considérée sous ses deux grands aspects, dans ce fleuve des guerriers et des penseurs, dans cette vague superbe qui fait bondir la France, dans ce murmure profond qui fait rêver l'Allemagne»³. Neste quadro, este rio pelo qual se faz o comércio, a circulação de pessoas, de bens, de ideias – lugar de passagem de exércitos, de homens, de riquezas – significa, ele mesmo, um ponto estratégico da Europa. Por sua vez, o Reno do viajante, paisagem histórica e simbólica, seria um estratégico centro político da Europa do futuro. Não admira. De certo modo, pode dizer-se que para Hugo «c'est là que la civilisation européenne trouve ses fondations pour se construire: principalement dans le futur franco-allemand»⁴.

Como bem se sabe, a questão das fronteiras naturais constituía o cerne das relações franco-alemãs e, em consequência disso, também da questão europeia. Mas o projecto europeu era ainda sinónimo de Utopia...

A Primavera dos Povos e a utopia dos Estados Unidos da Europa

É verdade que contra a Europa dos reis de 1815 emergiu a ideia de uma Europa dos povos fundada na democracia, na justiça social, com o fim último de assegurar a paz universal: uma Europa «revolucionária».

Convém recordar que Saint Simon preconizara já a formação de um parlamento europeu em 1814-1816. Também Guizot escrevera em 1828 a sua *Histoire générale de la civilisation en Europe* e nela explanou as suas ideias sobre uma civilização comum. De igual modo, na obra *Introduction à l'histoire universelle*, Michelet comparava a unidade europeia à Idade Média gótica. Este autor é muito explícito quando confessa que o que há de mais humano e livre no mundo é a Europa; ou ainda quando afirma que o que há de mais europeu é a pátria, ou seja, a França⁵. Também em 1848, Auguste Comte sonhou com a consumação da paz pela diplomacia e propalou as vantagens de uma moeda europeia.

Para os românticos franceses, a Europa é concebida como o alfobre de potencialidades políticas e espirituais. Não admira, portanto, que Hugo, no seu discurso sobre a fraternidade europeia, na abertura do Congresso de Paz, em Paris, em 21 de Agosto de 1849, tenha comparado, por um lado, a relação das nações na Europa com a das províncias francesas e o Estado e, por outro lado,

² *Le Rhin, lettres à un ami*, lettre XIV, OC, cit., *Voyages*, pp. 99-100. Cf. Nicole Savy, art. cit., p. 179 e *Les frontières de l'Europe*, Elie Barnavi, Paul Goossens (éds.), Bruxelles, Éditions De Boeck Université, 2001, p. 32.

³ *Ibidem*, p. 109.

⁴ Nicole Savy, art. cit., p. 180.

⁵ Nicole Savy, art. cit., p. 183. Veja-se Maria Manuela Tavares Ribeiro, *A Ideia de Europa. Uma perspectiva histórica*, Coimbra, Quarteto Editora, 2003, pp. 44-45.

tenha equacionado os Estados Unidos da Europa segundo paradigma dos Estados Unidos da América.

Como se sabe, 1848 viu nascer a «Primavera dos Povos» – italianos, húngaros, polacos – em 1849, assiste-se, todavia, ao recrudescer das forças contra-revolucionárias. É chegada a hora de Hugo fazer sentir, uma vez mais, e de forma apelativa, a «função do poeta»:

Peuples! Écoutez le poète!
Écoutez le rêveur sacré!
Dans votre nuit, sans lui complète,
Lui seul a le front éclairé⁶.

A Europa sonhada por Hugo, em 1848, no âmago da efervescência dos movimentos revolucionários, republicanos, nacionalistas, era a Europa sob influência francesa. E reafirma essa ideia nestas palavras elucidativas: «C'est Dieu qui fait la pièce et c'est la France qui joue le rôle»⁷.

Impõe-se um esclarecimento. Victor Hugo é eleito deputado da Assembleia Nacional por uma lista conservadora (4 de Junho de 1848) e apoia a candidatura de Luís Napoleão Bonaparte à presidência da República. Ele é de novo eleito deputado à Assembleia legislativa, em Maio de 1849. Significa isto que Hugo figura entre os conservadores, mas por pouco tempo. A sublevação popular que ocorre em Paris, em 13 de Junho de 1849, sob a chefia de Ledru-Rollin e de Félix Pyat, a revolta dos Montagnards, de extrema esquerda, anatemiza o governo. Insurreição, todavia, abortada, e conseqüente suspensão das garantias individuais (liberdade de imprensa, direito de reunião, interdição das greves). Nesta conjuntura, Victor Hugo reage e a ruptura com a direita parlamentar e com o chefe de Estado consuma-se. O seu desejo de ordem é, então, mais consonante com o dos progressistas. E o seu discurso sobre os Estados Unidos da Europa situa-se igualmente nesta lógica e neste contexto. Perante isto, Hugo foi com o herói do movimento revolucionário italiano, Giuseppe Mazzini – fundador, em Fevereiro de 1849, de uma efémera República romana – o organizador do primeiro Congresso da Paz, a que presidiu. Este Congresso realiza-se, em Agosto de 1849, em Paris, e fez ecoar a voz do Poeta em tempos de contra-revolução, movimento que, na sua perspectiva, queria fazer definhar e até fazer morrer os levantamentos liberais e os movimentos nacionais na Europa.

Em contrapartida, os projectos de governo universal eram pensados como essência última do devir. Veja-se, por exemplo, que Saint-Simon defende o seu

⁶ Victor Hugo, *Voix intérieures, Préface e Les Rayons et les Ombres*. Cf. Nicole Savy, *art. cit.*, p. 28. Veja-se Maria Manuela Tavares Ribeiro, *Portugal e a Revolução de 1848*, Coimbra, Minerva-História, 1990, *passim* e Fernando Catroga, "A memória de 1848 na fundamentação do republicanismo português", in *Estudos de História Contemporânea Portuguesa. Homenagem ao Professor Vítor de Sá*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991, pp. 269-288.

⁷ Cf. André et Danielle Cabanis, *L'Europe de Victor Hugo*, Toulouse, Éditions Privat, 2002, p. 31.

projecto de governo universal com base na autoridade dos industriais; Fourier fundamenta-o na harmonia universal; Louis Blanc entende-o como protector tutelar de uma rede de *ateliers* sociais e Proudhon sistematiza-o segundo a federação voluntária de entidades. Victor Hugo avança uma proposta mais audaciosa e mais sedutora – a dos Estados Unidos da Europa.

Ouçamos as suas célebres palavras, proferidas em Agosto de 1849:

Un jour viendra où vous la France, vous Russie, vous Italie, vous Angleterre, vous Allemagne, vous toutes, nations du continent, sans perdre vos qualités distinctes et votre glorieuse individualité, vous vous fondrez étroitement dans une unité supérieure, et vous constituerez la fraternité européenne, absolument comme la Normandie, la Bretagne, la Bourgogne, la Lorraine, l'Alsace, toutes nos provinces se sont fondues dans la France. Un jour viendra où il n'y aura plus d'autres champs de bataille que les marchés s'ouvrant au commerce et les esprits s'ouvrant aux idées. Un jour viendra où les boulets et les bombes seront remplacés par les votes, par le suffrage universel des peuples, par le vénérable arbitrage d'un grand sénat souverain qui sera à l'Europe ce que le parlement est à l'Angleterre, ce que la diète est à l'Allemagne, ce que l'Assemblée législative est à la France... Un jour viendra où l'on verra ces deux groupes immenses, les États-Unis d'Amérique, les États-Unis d'Europe, placés en face l'un de l'autre, se tendant la main par dessus les mers, échangeant leurs produits, leur commerce, leur industrie, leurs arts, leurs génies, défrichant le globe, colonisant les déserts, améliorant la création sous le regard du Créateur, et combinant ensemble, pour en tirer le bien-être de tous, ces deux forces infinies, la fraternité des hommes et la puissance de Dieu... Dans notre vieille Europe, l'Angleterre a fait le premier pas, et par son exemple séculaire elle a dit aux peuples: Vous êtes libres. La France a fait le second pas, et elle a dit aux peuples: Vous êtes souverains. Maintenant faisons le troisième pas, et tous ensemble, France, Angleterre, Belgique, Allemagne, Italie, Europe, Amérique, disons aux peuples: Vous êtes frères!⁸

A esta exortação, a este apelo, a este futuro de Fraternidade Universal profetizada nas palavras do Poeta, responderam os aplausos entusiásticos do público. Não surpreende.

A política de Luís Napoleão, concretamente o reforço do poder temporal do Papa, então Pio IX, a clericalização do ensino público através da conhecida lei Falloux, de 15 de Janeiro de 1850, que conferia um lugar privilegiado aos curas e aos bispos no seio das instituições de ensino, e o golpe de Estado de 2 de Dezembro de 1851 explicam a ruptura de Hugo com a direita parlamentar e com o chefe de Estado. O Poeta deixa a sua França e parte para o exílio, para Bruxelas, Jersey e, por fim, para Guernesey. Aí permanece dezoito anos. «Je partagerai jusqu'au bout l'exil de la liberté. Quand la liberté rentrera, je rentrerai.», afirma em 1859.

⁸ Victor Hugo, *Politique, Discours d'ouverture du Congrès de la Paix à Paris*, le 21 août 1849, in *OC, cit.*, p. 301.

Segundo a confissão de Hugo, a ditadura de Luís Napoleão Bonaparte fez perder à França toda a legitimidade para exercer o seu magistério moral. Foi sob este impacto que a França deixou de ser o país-piloto da Europa. Decepção e humilhação para Victor Hugo. Com efeito, o seu sentimento muda, dá agora a sua voz à solidariedade da Europa. Por outras palavras, evoca a França do passado, esperança do mundo, «Messias» da liberdade, face à França cativa do poder ditatorial. E é nesta relação que Hugo se coloca ao lado dos oprimidos que lutam contra a tirania.

Nesta experiência dolorosa, gera-se uma abertura de alteridade – de apreensão do «outro». E neste processo dialógico urge perguntar: que Europa, então, para Victor Hugo? Assim, entende-se que, para o nosso Poeta a Europa é o povo russo sob o jugo do czar, é a Itália com o domínio papal, é a Polónia dominada, é a Hungria agonizante, é, enfim, uma «Europa, aïeule en pleurs, de misère amaigrie...», como evoca na sua *Carte d'Europe*⁹.

É certo que a sua vivência no exílio é uma aprendizagem contínua e profunda da sorte dos proscritos, dos refugiados, dos clandestinos. E Victor Hugo vê-os como os portadores do germe revolucionário de um futuro sonhado. Ora, o sentimento de unidade europeia, para Hugo, ganha alento no combate conjunto das nações europeias, embora, na sua óptica, para além da França, duas delas tenham um lugar particular – a italiana e a grega. Porém, como sublinha, cada uma das nações não pode, não deve estar fora dessa luta pela humanidade. Assim sendo, e de acordo com esta argumentação, Hugo evoca, com insistência, as três palavras mágicas: – «Unité! Europe! Humanité!».

A Europa unida, republicana e social

Vinte anos depois do Congresso de Paris, Victor Hugo apresenta ao Congresso de Paz, em Lausanne, em 1869, uma mensagem e profere os discursos de abertura e de encerramento. É pertinente sublinhar que a estes discursos sobre a ideia de Estados Unidos da Europa subjaz a necessária queda das monarquias, a prática consolidada da liberdade e a consumação do socialismo. Assim se percebe como Hugo se auto-define no discurso de encerramento do referido Congresso: «Je ne suis pas ce qu'on appelait autrefois de la veille, mais je suis un socialiste de l'avant-veille».

Paradoxalmente, a guerra franco-alemã de 1870-1871 dá-lhe uma outra oportunidade de reafirmar que compete à França simbolizar e orientar, qual Messias, o continente europeu. O que torna coerente esta outra explicação: é sintomático que Hugo evidencie o valor universal da capital francesa. São suas estas palavras: «C'est à Paris qu'on sent vivre l'Europe. Paris est la ville des villes. Paris est la ville des hommes»¹⁰. E Hugo evoca, uma vez mais, a divisa da República francesa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, mas, acrescenta –

⁹ Cf. André et Danielle Cabanis, *ob. cit.*, p. 41.

¹⁰ «Appel aux Allemands», Paris, 9 septembre 1870.

escrever-se-á sobre a bandeira – Estados Unidos da Europa. Significa isto que, para o Poeta, a vocação europeia da França se enraizava precisamente na sua capacidade de se assumir como modelo agregador na variedade das suas províncias, qual imagem da diversidade da Europa. Assim o reafirma na sua obra *Quatre-vingt treize*, de 1874¹¹.

Entende-se agora melhor como o tema da paz é, obviamente, insistente e central nos múltiplos discursos e nas diversas mensagens de Victor Hugo. Basta lembrar a sua presença nos Congressos sobre a paz (Paris, 1849; Lausanne, 1869). Ele mesmo confessou ter concluído que as monarquias que estimulam os conflitos e as guerras, logo, as que ameaçam a paz e dominam a Europa, devem ser veementemente estigmatizadas.

Não será arriscado ver na dialéctica entre o optimismo e o pessimismo a sua face comportamental perante a questão da guerra. De onde se infere que, para Victor Hugo, há boas e más guerras. É neste conceito dicotómico que a mensagem de 1869 se demarca do teor do discurso de 1849. Isto é, se a revolução for necessária, ela será suprema e se for uma guerra, como diz, que seja a última. A seu ver, o fim último da guerra é a liberdade, e a consequência imediata, a paz. A esta luz, Hugo pretende demonstrar, por exemplo, que o conflito de 1871 – a Comuna de Paris – recuperaria a República francesa e, com ela, o equilíbrio europeu. O mesmo é dizer, a República francesa, estádio supremo da liberdade é, assim, assunção consciente e desejada e, como tal, anunciadora da «Europa republicana».

Estados Unidos da Europa ou República Universal?

Já em 1848, no pensamento hugoliano, a concepção de Estados Unidos da Europa é concomitante com a ideia de República universal. O momento era propício e favorável a todas as utopias. No entanto, a influência europeia tornara-se, como bem se sabe, de importância relevante e, deste modo, a unificação do velho continente tinha necessariamente consequências, entre outras, face aos Estados Unidos da América.

Como estruturar esse projecto?

Em 1849, mercê das experiências revolucionárias francesas (Estados Gerais em 1789 e Convenção em 1793), Hugo especifica que o seu projecto de construção da Europa deveria alicerçar-se numa instituição deliberativa, eleita por sufrágio universal e que funcionaria à escala do continente. É, como se depreende, um autêntico Parlamento que teria uma função arbitral para resolver os conflitos e eliminar as injustiças.

Na verdade, após a Comuna de Paris, uma vez mais, embora o terreno das instituições não o preocupasse particularmente, Hugo ocupa-se das atribuições da Assembleia Nacional e aponta ainda a necessidade e a importância da comuna no Estado republicano. A esta luz, em 29 de Dezembro de 1872,

¹¹ Cf. André et Danielle Cabanis, *ob. cit.*, p. 102.

declarava muito claramente: «Les États-Unis d'Europe seront une fédération d'énormes communes, qui s'appelleront France, Allemagne, Italie, Espagne, Russie, Angleterre. Il faut – continua – que chacune de ces communes mères se subdivise elle-même en communes, la partie devant être embryon de tout»¹².

Esta concepção federativa deve-se, na sua construção ideológica, por um lado, à influência de Proudhon, por outro lado, à experiência da Comuna de Paris.

Ganha assim sentido que no Congresso de Lugano, em 1872, o escritor tenha concretizado os aspectos fundamentais da política de um governo europeu. De facto, a Convenção permanece como uma referência e como um modelo. Mas, uma nova Convenção. A eleição de Hugo para o Senado dar-lhe-ia uma boa oportunidade para estruturar uma assembleia ao serviço da sua grande ideia – tornar real e positiva a ideia de Estados Unidos da Europa. De acordo com o modelo que defendia, enumera as instituições cuja acção era ou poderia ser benéfica, entre elas, as instituições directamente ligadas às finanças, ao comércio, à educação, à justiça. Outras estruturas seriam erradicadas – as fronteiras, as alfândegas, as casernas, o clero. Esta meta seria impossível de atingir sem o liberalismo político, por um lado, mas também sem o liberalismo económico, por outro lado. Porém, não basta, na sua óptica, o livre-cambismo. Assim, Hugo propõe, como referi, a supressão das fronteiras não só políticas, mas também económicas. A este propósito, a sua afirmação é peremptória: «La richesse et la vie ont un synonyme: circulation». Especificamente, como Hugo sugere, os mecanismos económicos deveriam usufruir da concorrência. Quanto à questão social (embora a análise muito superficialmente), o Poeta francês limita-se a assinalar que ela encontrava a sua solução no combate ao despesismo supérfluo do Estado e na contenção de despesas públicas, incluindo nestas as relativas ao pagamento aos clérigos, aos militares e aos magistrados.

Tendo sempre por alvo a consolidação da paz será importante assinalar, de novo, que Victor Hugo confessava como possibilidade histórica da sua concretização o refazer das relações franco-alemãs. Para o provar, invoquem-se estas palavras: «Plus de frontières! Le Rhin à tous! Soyons la même République, soyons les États-Unis d'Europe, soyons la fédération continentale, soyons la liberté européenne»¹³. Também, neste aspecto, Hugo é visionário. Foi preciso que duas Guerras Mundiais acontecessem na Europa para se entender melhor o desejo generoso do Poeta.

As suas formas de entender o mundo não foram unívocas. Sublinhe-se, por exemplo, que a sua admiração pelos Estados Unidos da América nem sempre foi alimentada por Hugo. Com isto quer-se dizer que o anticlerical Hugo, ainda em 1842, se afirmava católico e via com um olhar crítico a supremacia da América. Esta realidade é reconhecida nesta sua fase de crítica. Para ele, «L'Amérique est

¹² Victor Hugo, declaração de 29 Dezembro 1872. Cf. André et Danielle Cabanis, *ob. cit.*, p. 114.

¹³ Cf. André et Danielle Cabanis, *ob. cit.*, p. 119.

sans âme, ouvrière glacée», pois entendia que ela disputava, de forma triunfante, a supremacia de Roma, «où Jésus met sa croix». No pensamento hugoliano, porém, a partir de 1849, patenteia-se uma imagem mais otimista dos laços que unem os dois continentes. E os Estados Unidos da América constituem, a partir de então, para Hugo, um paradigma, um padrão de referência, não mais esquecido, do modelo federativo. Não admira, portanto, que no seu discurso de 1849 ele refira «l'Amérique serrant la main de l'Europe». Uma vez mais, o profeta Hugo visionava já o que muitos anos depois aconteceria durante o processo de construção europeia. Por isso mesmo ele não se coíbe de manifestar um sentimento amistoso que denuncia nesta franca e aberta confissão: «J'aime l'Amérique comme une patrie» (22 avril 1879).

Na verdade, a utopia hugoliana da República Universal consubstanciava-se em dois pilares fundamentais: uma República americana, tendo por centro Washington, e uma República europeia, tendo por capital Paris¹⁴. Como escreve: «Oui! à côté les États-Unis d'Amérique, nous devons avoir les États-Unis d'Europe, les deux mondes devraient faire une seule République.» O paradigma histórico do ideal republicano-federalista consubstancia-se nos Estados Unidos da América, país mítico, a caminho da solução do *problema social*.

A Europa de Victor Hugo – que Europa?

Pelo que se expôs, pode dizer-se que existe uma dualidade na concepção europeia hugoliana. Uma Europa das origens dos imperadores, dos reis, dos príncipes e uma Europa dos povos, com equilíbrios e desequilíbrios, determinada pela questão franco-alemã.

O que há de verdadeiramente utópico nesta concepção de Europa advém do seu universalismo, portador de um nacionalismo, francês, e coincidente também com um ideário socialista.

Dito por outras palavras, Hugo é um crente do poder messiânico da França no contexto europeu. Não se errará muito se se sustentar que Hugo não previu, na sua total dimensão, o engrandecimento da América. O poeta cria vigorosamente na simbiose perfeita do nacionalismo e da cidadania europeia. O sufrágio universal bastaria, a seu ver, para construir a Europa. O profeta, o visionário, o utópico Victor Hugo. Mas são suas estas palavras eloquentes e verdadeiramente lapidares: «Utopie, soit. Mais qu'on ne l'oublie pas, quand elles vont au même but que l'humanité... les utopies d'un siècle sont les faits du siècle suivant»¹⁵.

¹⁴ Bruno Fuligni, *Victor Hugo président!*, Paris, Les Éditions de Paris, 2002, p. 79. Veja-se também René Giraud, *Être historien des relations internationales*, Paris, 1998, pp. 341-343.

¹⁵ OC, *Voyages, Le Rhin, Conclusion*, XVII, p. 429.

É hora de perguntar: não é também simbólico que as comemorações do segundo centenário do nascimento de Victor Hugo coincidam, no ano de 2002, com a circulação da moeda única na Europa? Basta recordar este outro sonho do Poeta: «Une monnaie continentale, à double base métallique et fiduciaire, ayant pour point d'appui le capital Europe tout entier et pour moteur l'activité libre de deux cents millions d'hommes, cette monnaie, une, remplacerait et résorberait toutes les absurdes variétés monétaires d'aujourd'hui, effigies de princes, figures des misères; variétés qui sont autant de causes d'appauvrissement; car, dans le va-et-vient monétaire, multiplier la variété, c'est multiplier le frottement; multiplier le frottement, c'est diminuer la circulation. En monnaie, comme en toute chose, circulation, c'est unité» (24 février 1855)¹⁶.

Profeta, e não apenas visionário.

De facto, como já havia pressentido premonitoriamente Victor Hugo, para integrar a Europa na Europa ocorreram as Guerras Mundiais e deflagraram os conflitos entre a França e a Alemanha seguidos, todavia, da imperiosa reconciliação. Era necessário, como ele próprio também previu, que sobre o continente inteiro triunfasse o espírito da paz e fossem respeitados os direitos do homem.

A Europa de Hugo – os ecos em Portugal

Foi na conjuntura da idealização romântica da revolução, quando se arvorava a bandeira do federalismo dos Estados Unidos da Europa, que democratas portugueses e espanhóis, socialistas utópicos, arautos da República Social, se reuniram em Paris, em 1848, e aí uniram as suas vozes à dos revolucionários que proclamavam a Santa Aliança dos Povos.

Esses ecos ressoaram também em Portugal. Os progressistas, na linha política do setembrismo radical, imbuídos do ideário do socialismo utópico (Saint-Simon, Fourier, Louis Blanc, Proudhon), propalavam a federação dos povos peninsulares, de Portugal e de Espanha. Mas o problema do iberismo arrastava consigo o problema da Europa. Era necessário equacionar a vocação europeia de Portugal. Esse federalismo ibérico, defendido por intelectuais como António Pedro Lopes de Mendonça, Custódio José Vieira e, sobretudo, José Félix Henriques Nogueira, homens da geração de 48, era tributário da ideologia humanitária e cosmopolita da época¹⁷. As leituras dos discursos e das obras de ideólogos e

¹⁶ Cf. Bruno Fuligni, *ob. cit.*, p. 108 e André et Danielle Cabanis, *ob. cit.*, p. 125.

¹⁷ Veja-se Fernando Catroga «Nacionalismo e Ecumenismo. A Questão Ibérica na segunda metade do século XIX», *Revista Cultura, História, Filosofia*, vol. IV, Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova, 1985, pp. 419-463; Vítor Neto, «Iberismo e Municipalismo em J. F. Henriques Nogueira», *Revista de História das Ideias*, vol. 10, Coimbra, Faculdade de Letras, 1988, pp. 753-768; Maria Manuela Tavares Ribeiro, «Utopismo, Internacionalismo, Pacifismo», in *Estudos de História Contemporânea Portuguesa. Homenagem ao Professor Victor de Sá*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999, pp. 289-302.

de pensadores europeus, entre eles, de Victor Hugo, e as viagens pela Europa desses intelectuais portugueses, jornalistas, escritores, advogados, etc., rasgaram horizontes e estimularam o seu sentir universalista. Ora, esta dimensão ecuménica, bem patente no autor dos *Miseráveis*, alimentava o sentimento de solidariedade entre os povos como condição para a obtenção da paz. Como paradigmas, os modelos políticos da Suíça e dos Estados Unidos da América. Era preciso abrir a Portugal os caminhos da Europa. Assim, os federalistas, em particular Henriques Nogueira, e à imagem e semelhança de Victor Hugo, elaboraram a sua proposta de institucionalização de uma federação internacional sob a forma de uma República Universal. Mas também, como para Hugo, o federalismo não era incompatível com o patriotismo. Para Henriques Nogueira, por exemplo, o edifício político construía-se com base na república e a democracia consolidava-se mediante o sufrágio universal. Era sem dúvida na Federação que melhor se espelhava a tentativa para se conciliarem as tendências ecuménicas da razão histórica com as exigências decorrentes das especificidades nacionais.

Se a conjuntura de 1848 e os ecos do romantismo social, como a voz de Hugo se fez ouvir, explicam este ideário republicano, socialista, federalista, pacifista, o impacto dos movimentos socialistas e republicanos, e de novo, a doutrina hugoliana estiveram na base da linha de pensamento dos intelectuais portugueses dos anos setenta.

Por exemplo, Teixeira Bastos ao evocar a morte de Victor Hugo, em 1885, refere que ela tem uma significação europeia, tal como Teófilo Braga considerara o Centenário de Camões um momento aglutinador, um fenómeno social. Ora, a morte do «herói», do «grande homem» Victor Hugo era, em termos simbólicos, a tradução da aliança federativa dos povos. Para Teixeira Bastos, Hugo era o «pai» dessa comunidade dos povos da Europa. E se este autor português não utiliza a expressão Estados Unidos da Europa, emprega, com notória insistência, os vocábulos mundialidade, Humanidade, sociabilidade. Tal como Hugo, Teixeira Bastos explana na sua doutrina a necessidade da unificação europeia, e o seu fim último – a solidariedade entre os povos. Como ele próprio afirma, «é da Europa dos povos que aqui se fala, a das ligações entre eles, por outras palavras, a dos sentimentos, a dos espíritos». E Teixeira Bastos conclui o seu texto na *Revista de Estudos Livres* (1885) glorificando Hugo: «A apoteose solene de Victor Hugo é a homenagem dos povos modernos, conscientes da sua solidariedade, ao precursor da futura civilização, ao apóstolo que pelos seus actos e palavras mais contribuiu para apressar o advento da unificação temporal e espiritual da humanidade»¹⁸.

O mesmo intento se encontra no pensamento queirosiano. Ou seja, essa noção de Humanidade é bem marcante para Eça de Queirós. E sobre Hugo, que designa como o Mestre «excelso e augusto», recordem-se as próprias palavras de Eça: «Fui realmente criado dentro da obra do Mestre – como se pode ser criado numa floresta... Foram meus, com paixão, os seus ódios; e corri enlevado

¹⁸ Teixeira Bastos, «Victor Hugo», *Revista de Estudos Livres*, 1885, pp. 105-113.

atrás do voo lírico dos seus entusiasmos... é assim que me conservei acreditando delicadamente nos Estados Unidos da Europa, mesmo quando amigos caritativos me procuravam arrancar, com súplicas e sarcasmos, para fora dessa crença infantil»¹⁹.

Com efeito, se a crença nos Estados Unidos da Europa lhe parece algo de utópico no contexto naturalista, a verdade é que essa ideia se inscreve na conceptualização queiroziana de evolução da Humanidade, denominador comum aos intelectuais da geração dos anos setenta-oitenta do século XIX.

A apoteose de Victor Hugo em Portugal não data apenas do momento da sua morte, em 1885²⁰. O regresso de Hugo a França, em 1871, após dezoito anos de exílio, tinha já sido marcado pela manifestação festiva. Como sublinha Teixeira Bastos, Victor Hugo «gozou em vida os primeiros sopros da imortalidade» e a glorificação póstuma, em 1885, não significa senão a confirmação e o complemento indispensável da grande solenidade pública, a sua consagração. Por outras palavras, a sua morte é tão-só um «parêntesis breve na sua imortalidade gloriosa». Por isso, o herói, o homem ilustre da Nação foi conduzido para «a sepultura dos beneméritos da pátria e da humanidade»²¹. Essa apoteose, como sublinha Teixeira Bastos, «representa a satisfação de uma necessidade afectiva do organismo social»²². O mesmo é dizer, «a apoteose solene de Victor Hugo é a homenagem aos povos modernos, conscientes da sua solidariedade, ao precursor da futura civilização, ao apóstolo que pelos seus actos e palavras muito contribuiu para estimular o advento da unificação temporal e espiritual da humanidade»²³.

E se a apoteose é como que um «nascimento para a imortalidade» para «vencer a lei da morte», o Panteão é o santuário que recolhe as cinzas de «todos aqueles em quem a multidão reconhece o sinal da divindade»²⁴. Ele é, em última análise, o garante da imortalidade do Grande Homem. A celebração da morte é um renascimento e, como tal, um prolongamento de vida, ou seja, a festa da vida como negação da morte. «Perante os verdadeiros heróis – escreve Teófilo

¹⁹ «Um Carta de Eça de Queiroz sobre Victor Hugo ao director da *Ilustração*», in A.A. Gonçalves Rodrigues, *Victor Hugo em Portugal*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1985, p. 9-17. Sobre Hugo leia-se o artigo de Eça de Queirós in *A Ilustração*, Setembro de 1885. A assinalar o bicentenário do nascimento de Victor Hugo foi organizada uma exposição sobre *Victor Hugo na Imprensa Portuguesa* pelo Museu Nacional da Imprensa e patenteada ao público na Biblioteca Nacional de Lisboa em 2002.

²⁰ Leia-se João Medina, *Eça, Antero e Victor Hugo. Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século XX*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2001, pp. 75-108.

²¹ Teixeira Bastos, «Victor Hugo», *Revista de Estudos Livres*, 1885, pp. 9-10.

²² *Idem, ibidem*.

²³ *Idem, ibidem*.

²⁴ Fernando Catroga, *A militância laica e a descristianização da morte em Portugal: 1865-1911*, vol. 2.º, Coimbra, Faculdade de Letras, 1988, p. 999 (dissertação de doutoramento policopiada).

Braga – o povo saberá sempre vencer o esquecimento», isto é, «vencer a lei da morte»²⁵.

Hoje, quando se continua a (re)construir a Europa, reler Hugo não significa só reconhecer a justeza e a oportunidade das suas profecias, dos seus anseios, dos seus sonhos, das suas utopias. É também receber um halo de entusiasmo criador.

Victor Hugo, o mago, o anunciador da Religião da Humanidade, o profeta de uma nova era.

As palavras finais são as do próprio Poeta: «Voici, je vais créer des cioux nouveaux et une terre nouvelle»²⁶.

²⁵ Teófilo Braga, *Os centenários como syntese affectiva nas sociedades modernas*, Porto, 1884.

²⁶ Cf. Paul Bénichou, *Les mages romantiques*, Paris, Gallimard, 1988, p. 381.